

Economia - Brasil

Boletim mostra que resultados externos abalaram o otimismo do início do ano

Especialistas dizem que restrições às importações e ao consumo são insuficiente

Maria Luiza Abbott e Regina Alvarez

• BRASÍLIA. Acabou o cenário suíço. O título do boletim de maio do banco BMC, ainda em elaboração, resume o ânimo e a avaliação de banqueiros, consultores e investidores sobre o atual momento da economia brasileira. A deterioração do saldo da balança comercial, os resultados do balanço de pagamentos no primeiro trimestre e o aumento dos juros externos acabaram com o otimismo do início do ano. Os especialistas acham que as restrições às importações e ao consumo já adotadas são insuficientes para mudar o quadro negativo das contas externas. Apostam que o Governo precisará tomar novas providências, mas consideram que o campo de ação está limitado a medidas pontuais.

Nem o mercado, nem os consultores acham que o desastre é iminente, mas há um clima de apreensão com o ritmo de crescimento dos déficits comercial e em transações correntes (diferença entre entrada e saída de dólares do país). Nos primeiros quatro meses de 1997, o saldo negativo da balança surpreendeu e já bateu em US\$ 4 bilhões, muito próximo dos US\$ 5,5 bilhões acumulados em todo o ano passado.

Como resultado, do fim de 96 para cá, as previsões sobre o déficit da balança comercial em 1997 mais que dobraram, passando de US\$ 7 bilhões para US\$ 15 bilhões. O déficit em transações correntes, que fechou em 3,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1996, deverá ficar entre 4% e 4,6% do PIB, segundo especialistas.

— Precisamos saber quando as importações vão parar de crescer e o déficit vai se estabilizar. Saímos de US\$ 10 bilhões de superávit em 1994 para US\$ 10 bilhões de déficit nos últimos 12 meses — observa Luiz Eduardo Assis, vice-presidente do Citibank.

Déficit em transações correntes não pode superar 3,5% do PIB

Outra preocupação é o salto do déficit em transações correntes que romperá a barreira dos 3,5% do PIB, visto pelos investidores como limite para que o Brasil tenha tranquilidade para continuar atraindo capital externo para cobrir a diferença negativa sem perder reservas. O vice-diretor do BMC, Marcelo Allain, acha que o país não terá dificuldades em financiar um resultado negativo de 4% do PIB este ano. Alerta, porém, para a preocupação dos investidores externos quanto ao ritmo de crescimento do déficit.

Comparado com resultados registrados em outros países, que chegam a 8% do PIB, como nos “tigres asiáticos”, o déficit brasileiro ainda é baixo. Entretanto, o Brasil tem um histórico pouco confiável, na avaliação dos investidores estrangeiros, que lembram as moratórias declaradas na década de 80. Aliada a essa desconfiança, está a elevação das taxas de juros básicas da economia americana, além da redução dos juros internos. Isso quer dizer que há menos gente disposta a investir no Brasil.

— De uma maneira geral, aumentou a dificuldade de financiamento do déficit em transações correntes, mas o Governo está tentando agir e deverá tomar novas medidas — avaliou Alexandre Teixeira, da MCM Consultores.

De janeiro a abril, o Brasil perdeu US\$ 2,2 bilhões em reservas, porque a entrada de dólares não cobriu o que saiu com as contratações de câmbio para importações, retirada de investimentos de curto prazo, pagamentos da dívida externa e outros. Ou seja, foi preciso sacar das reservas para pagar as despesas crescentes. Para o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, a queda nas reservas não chega a ser preocupante, porque faria parte de um

movimento normal de redução e aumento. Outro otimista é o diretor técnico da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), Octávio de Barros. Para ele, o investidor de longo prazo não está preocupado. Comparado com outras opções no mundo, o Brasil ainda é um bom negócio.

Investimentos de curto prazo são o principal problema

O problema seriam os investimentos de curto prazo, em bolsas de valores e fundos de privatização, que atingiram US\$ 6 bilhões em 1996. Segundo Barros, a previsão no início de 1997 era chegar à marca de US\$ 10 bilhões, mas ela foi revista por causa do novo cenário. O mercado já se contenta com o mesmo desempenho do ano passado.

Para frear o mau resultado da balança comercial, o Governo reduziu o prazo de financiamento das importações e aumentou o IOF sobre o consumo, numa tentativa de reduzir o apetite por importados. Para atrair capital externo e financiar o déficit em transações correntes, foi reduzido o IOF sobre os dólares que entram. Mas tudo isso ainda é pouco, na avaliação dos especialistas. ■